

SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 111 p.

Dez anos após o lançamento de *O século de Borges*, chega às livrarias a segunda edição, totalmente revisada, desse livro que reúne textos antes publicados em livros ou periódicos especializados e, segundo a escritora, resultam de comunicações apresentadas em congressos, seminários e conferências. Professora emérita e titular da UFMG, pesquisadora do CNPq e autora de vários livros relacionados à crítica cultural e à teoria literária, Eneida Maria de Souza leva-nos a conhecer o universo labiríntico da obra e da vida do escritor argentino Jorge Luis Borges.

O primeiro dos 11 textos deste trabalho crítico, “Minha terra tem palmeiras”, fora editado em 1997, como capítulo de *O discurso crítico da América Latina*. Tecendo algumas considerações sobre Borges e a identidade nacional, a autora diz que, “para o escritor argentino, a pátria, se existe como identidade, ocupa um espaço imaginário, cujas fronteiras não coincidem com as da nação” (p. 10). Compreendendo que o texto borgiano ignora o distanciamento entre as culturas, sua análise do poema “Juan López y John Ward” ressalta que Borges acreditava ser a literatura a forma mais sublime de comunicação humana.

Em “Borges entre dois séculos”, texto que remete ao artigo “Ficções e paradigmas”, contido nos *Anais do V Congresso ABRALIC*, a professora Eneida realiza breve levantamento dos autores com os quais o escritor portenho tem sua ficção relacionada. Assim, o poeta não esconde sua preferência por Jung e Schopenhauer, pelos pré-socráticos e os budistas, ainda que seja Nietzsche quem mais o influencie e sejam visíveis as ligações da poética borgiana com o pensamento de Freud.

Já em “Lo cercano se aleja”, anteriormente intitulado “A biblioteca de Borges”, e publicado tanto no *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos* quanto em *Variaciones Borges*, a autora examina a biblioteca borgiana, que desempenharia um papel literal por tratar-se de herança paterna. Esse legado possibilitou os primeiros contatos do escritor argentino com os livros e com as letras, ocupando também um papel metafórico, por referir-se às preferências literárias que o levam a representar a teoria da escrita como citação. A cegueira de Borges é destacando por sua vinculação à ideia do crepúsculo e ao conceito de *mirada estrábica*, posteriormente, desenvolvido por Ricardo Piglia.

No texto “Um estilo, um *Aleph*”, primeiramente editado no *Boletim da Biblioteca Mário de Andrade*, a professor Eneida aprofunda essa questão, ressaltando

que a deficiência visual de Borges “permitiu a conquista de outras formas de percepção da realidade, da substituição do mundo das aparências, do mundo visível, pela imaginação sempre ativa, pela escuta da voz alheia” (p. 49). Se a cegueira aguça a prática da autobiografia, associando metaforicamente vida e obra, o pensamento borgiano, longe de ser universalizante, inclina-se ao recorte, à de criação de novos arranjos e inúmeras séries combinatórias a partir do conhecimento existente.

Em “Ficções e paradigmas”, a estudiosa observa o conceito de literatura miniaturizada e condensada, o qual aponta a potencialidade de uma estética que acredita muito mais na revelação instantânea e fugidia do acontecimento do que na ilusão da posse total do objeto. Já no texto “História de família na América”, estampado na *Revista de Estudos de Literatura* n. 2, comenta o encontro entre Borges e AuTRAN Dourado, quando houve a confusão do nome Saraiva (ou *Saravia*), presente tanto na obra do argentino quanto do brasileiro. A “filiação e o parentesco literários produzidos no interior do universo ficcional desses escritores correspondem à inventiva fabulação do passado, ao esquecimento e às recriações de genealogias familiares, exercícios imaginários praticados” (p. 66).

“A letra e o nome”, “A Borges o que é de Borges” e “A morte e o sonho heróico” seguem relatando o encontro do escritor portenho com AuTRAN Dourado, enquanto “Genebra, 14 de junho de 1986”, antes publicado no livro *Borges em dez textos*, discute a escolha do argentino por morrer na cidade suíça, conhecida por ele juventude. Diferindo de Gonçalves Dias, que sonhava morrer em solo pátrio, como símbolo de um novo nascimento, Borges preferiu morrer no lugar que simboliza o nascimento, não do corpo, mas do intelectual para o conhecimento e a literatura. Ganha destaque o tema do duplo, muito presente na obra borgiana, e sua relação com Freud, Ítalo Calvino, Oscar Wilde, Otto Hank e Stevenson.

No último texto d’*O século de Borges*, a autora procede a uma análise do verbete *Borges*, inscrito na suposta *Enciclopédia Literária Global*, em realidade, um verbete ficcional criado pelo próprio Jorge Luis Borges. A partir desse artifício borgiano, Eneida Maria de Souza examina a mudança do nome feita pelo escritor, a ausência da data da morte e o desejo de dominar a própria existência. Encerra, desse modo, um livro que nos brinda a reunião de alguns dos melhores artigos já escritos em língua portuguesa sobre o autor de *Ficciones*.

**Adilson Barbosa**  
Mestrando em Letras pela URI-FW